

13. O desejo que define o "eu"

Dizia que sentindo uma vocação, o coração humano emerge como as ondas do mar para mostrar que existe, e que existe como uma questão de vida, de salvação. E assim se afirma no homem o "eu", uma identidade, seu ser pessoa.

Este tema, da identidade do "eu", talvez tenha se tornado mais dramático hoje, na sociedade e na cultura na qual vivemos, mas não é um tema novo. Sabemos que no prólogo de sua Regra monástica, São Bento retrata um Deus em busca do homem, e o busca "*in multitudine populi*" (RB Pról. 14), em meio à multidão.

O que significa buscar um homem em meio à multidão? Talvez a multidão não seja uma multidão de homens? Não é como procurar uma agulha em um palheiro, mas é como se Deus estivesse procurando uma agulha no meio de um milhão de agulhas. Não seria suficiente pegar uma? Não seriam todas iguais? Todavia, Deus não procura qualquer homem. Busca-o com uma qualificação específica, e expressa citando o Salmo 33: "Qual é o homem que quer a vida e deseja ver dias felizes?" (Sl 33,13; Pról 15). E para encontrá-lo no meio à multidão de pessoas, Deus deve *gritar* esta pergunta: *clamat*.

São Bento se compraz em apresentar um Deus em busca espasmódica, diria angustiada, como um pai ou uma mãe que perderam seu filho na multidão. Mas não é um nome a identificar com precisão o homem, o qual Deus necessita, porque Deus ainda não sabe quem é este homem, mas é um desejo de vida e felicidade: Qual é o homem que quer (*vult*) a vida e deseja (*cupit*) ver [ou seja, fazer experiência] dias felizes, "*dies bonos*": dias bons e belos.

É precisamente diante desta questão que, sempre no texto da Regra, aparece pela primeira vez a palavra *ego*, "eu". "Se ouvindo, responderes: Eu!..." (Pról. 16). Deus, na multidão, procura um homem que responda "eu" à pergunta: Qual é o homem que deseja a vida e a felicidade?

Em poucas linhas, São Bento, juntamente com toda a tradição bíblica e patrística, transmitiu à humanidade um conceito fundamental, do qual dependerá toda a verdade, ou seja: a *humanidade* ou inumanidade da cultura de todas as épocas. Este conceito diz respeito à definição do ser humano, do "eu" próprio do homem, recebido por Deus, que nem o pecado original pôde apagar. Isto é, o que qualifica e define o "eu", o que define e qualifica a identidade de um homem, não é um possesso, mas um *desejo*. São Bento nos lembra que o "eu" não é definido pelo que há, nem pelo que é em si ou acredita ser, mas pelo desejo dirigido a um outro, pelo desejo de um bem para si, de uma vida e felicidade para si, que reconhece dever pedir a um Outro, não criado por si, não entregue a si mesmo.

Parece-me fundamental recuperar esta concepção do "eu", ou melhor, este sentimento, esta consciência do próprio "eu", pois é lá que se aninha o desconforto mais profundo da sociedade contemporânea, creio em todas as culturas. O problema de qualquer sociedade ou época cultural, não é tanto os mil problemas que surgiram, mas a autoconsciência das pessoas que nelas habitam.

A humanidade é sempre, de uma forma ou de outra, uma "*multitudo populi*", como escreveu São Bento, expressão que sugere a ideia de multiplicidade anônima, unida no tempo e espaço, mas ferida pelas divisões, discórdias, conflitos, contradições. Todo ser humano é parte desta multidão e, como tal, está sujeito a condições e pressões. As tensões inerentes a este ser, parte de um conjunto múltiplo, suscitando forças positivas e negativas, que unem seja no bem como no mal, podendo dividir de modo destrutivo, ou separar para construir uma nova unidade, uma nova harmonia.

Tudo isto é próprio de cada época, cultura, sociedade, mas vivemos em uma época em que o estado de "multidão" da sociedade é globalizado e, portanto, acentuado. Acentuado na redução, como espalmar pouca geleia em uma fatia grande de pão. A globalização "espalma" o ser humano em dimensões sempre mais indefinidas, reduzindo e diluindo a identidade do "eu". Se Deus procura o homem que deseja a vida e a felicidade, se busca um homem que diga "Eu!", deixando-se definir pelo desejo daquilo que não se dá por si mesmo e nem recebe da multidão, é como se tivesse de procurá-lo em uma multidão mais concentrada e dispersa, ao mesmo tempo. O "eu" está mais escondido que nunca, mais disperso que nunca, mais afogado que nunca em um mar de anonimato, de nivelamento de identidade, de confusão quanto a consciência de si.

E direi que o "eu" é errante e se torna uma ovelha perdida no modo como define o desejo. Estou cada vez mais convencido que se existe uma influência negativa das mídias atuais sobre o "eu", se tem algo no mundo informático que desgasta a pessoa, é justamente quanto a capacidade humana de desejo, expectativa, surpresa, questão. O "tudo-imediatamente", medida da qualidade atribuída aos meios de comunicação, se por um lado, pode ser um meio de crescimento, desenvolvimento, formação, por outro desgasta o "eu", a natureza mais profunda e mais preciosa do ser humano. "Tudo-imediatamente" é a síntese de uma sede de poder que prevalece sobre o desejo do infinito, e o usurpa no coração do homem. Uma sede de poder, ávida de reter sem desejo, todo o espaço e tempo, reduzindo-os à mesquinhez de uma dimensão que pretendemos controlar e possuir.

Os meios de conhecimento e comunicação de hoje, se conduzidos por um coração sedento de infinito, podem ser ferramentas valiosas desta abertura que exalta o humano. O homem, porém, deve ter uma consciência de seu "eu" que lhe permite utilizar esta "rede", sem cair em suas redes.